

09/03/2023 10:00:41 - AE NEWS

ARTIGO/MARCELO KFOURY MUINHOS: POLÍTICA DE PREÇOS DOS COMBUSTÍVEIS: MITOS E REALIDADE



Há vários preços que são emblemáticos na economia. O preço dos combustíveis com certeza é um deles. Tanto é importante que foi alvo de política populista no ano passado, quando foram diminuídos os impostos federais e estaduais nos combustíveis para aumentar as chances de reeleição do então presidente. Com a volta dos tributos, alguns fantasmas renasceram. A primeira surpresinha foi a implantação de impostos na exportação de petróleo para compensar a não volta dos impostos no álcool hidratado. A segunda é a constante ameaça de se mudar a política de preços dos combustíveis. Esse artigo explora esses dois aspectos: imposto de exportação e a abasileiração dos preços dos combustíveis.

O governo restabeleceu os impostos federais sobre os combustíveis no princípio de março, medida acertada em vários aspectos entre eles o aspecto ambiental. Subsidiar preço de combustível fóssil está na contramão de qualquer política ambiental consistente. Porém no afã de ser ambientalmente correto, foi mantido mais baixo o imposto no etanol. Para compensar essa medida foi instituída por medida provisória imposto de exportação de petróleo. Essa medida mesmo sendo válida por apenas poucos meses, colocou em alerta o setor exportador. Não deve passar no Congresso e a MP deve caducar por falta de apoio no Legislativo.

Mas por que é ruim taxar exportação? Em geral, é melhor taxar os produtos na hora que são consumidos e não no momento da produção. Esse é um dos principais objetivos da reforma tributária. Muito mais importante também é taxar a renda e não aumentar o preço de exportação com impostos. Se há excesso de lucro temporário no setor petrolífero, como o recente resultado da Petrobras mostrou, por que não instituir um imposto extraordinário sobre o lucro exorbitante? Seria uma política mais acertada do que taxar toda a exportação do setor, o que além do mais desincentiva investimentos. Firms que se arriscaram a explorar petróleo na região do pré-sal e que foram exitosas serão repentinamente taxadas na exportação, atrapalhando o planejamento de novos investimentos.

Em relação à mudança a política de preços, se for rompida a paridade do preço da gasolina doméstica com a internacional, a Petrobras incorre em prejuízo, pois compra derivados a preços internacionais, dado não conseguir atender toda demanda doméstica pela característica do petróleo que produz. No governo Dilma foi violada essa paridade e quase houve quebra da Petrobras. Desde então, há necessidade de subsídio direto para a empresa, se não for paridade mantida. É crucial afirmar que dar subsídio ou diminuir impostos é exatamente a mesma coisa, sendo nos dois casos péssimas ideias de política fiscal. Seria usar dinheiro dos pagadores de impostos para subsidiar os consumidores de gasolina ao invés de gastar dinheiro com educação e saúde. Se for para revisar impostos, deve ser feito na reforma tributária, não de uma maneira casuística e eleitoreira em apenas um setor.

A ideia de que diminuir o preço da gasolina combaterá a inflação também é equivocada. Há uma sinalização mundial de que o petróleo ficou mais caro. Isso é uma mudança de preços relativos. Mudança de preços relativos, por si só, não gera processo. Esse acontece se o choque passar para todos os outros preços. Para evitar que isso ocorra, já temos o BCB exercendo uma política monetária apertada, não necessitando controle de preço para que a inflação caia. As metas para a inflação são uma receita mundial

09/Mar/2023 16:09

para combater a inflação e não tentar controlar preços isolados, política essa que sempre deu errado aqui e em todo lugar em que foi tentada.

Taxar exportação e controlar preços são duas políticas que vemos sendo executadas atualmente no nosso vizinho ao sul, a Argentina, com fracasso garantido. Analiso que ainda estamos bastante distantes da realidade dos atuais campeões mundiais. A taxação às exportações não tem chance de passar no Congresso, pois o setor de agrobusiness tem plena consciência de que se for aberta essa pequena brecha na porta, nada impede de se abrir a porta toda em seguida com taxação de todas as exportações.

Há uma tendência mundial de queda dos preços das commodities, o que não só ajudará a diminuir a pressão para mudar os preços dos combustíveis, como também aliviará a necessidade dos juros tão altos para se combater a inflação. A inflação ao consumidor mensal deve continuar a regredir nos próximos meses, e eu mantenho a minha expectativa que a Selic deve começar a cair no terceiro trimestre. Minha expectativa é que a economia fique mais devagar, o que ajudaria a termos uma inflação mais perto da meta este ano.

Muito importante tentar não cair em cascas de bananas populistas, que têm apelo social, mas são negacionismo econômico, como a taxação de exportação e o controle de preços. Nas próximas semanas, conheceremos a nova regra fiscal que, se for bem recebida, conjuntamente com o retorno dos impostos sobre os combustíveis, pode tornar mais crível a política fiscal, possibilitando, entre outras coisas, a queda dos juros de equilíbrio e uma melhor coordenação das políticas monetárias e fiscais.

Marcelo Kfoury Muinhos é professor da FGV-EESP e consultor econômico. Foi economista-chefe do Citi-Brasil e chefe do Departamento de Pesquisa Econômica do Banco Central

*Os artigos publicados no **Broadcast** expressam as opiniões e visões de seus autores*